

## UM CORAÇÃO SIMPLES

## I

Ao longo de meio século, as burguesas de Pont-l'Évêque invejaram à senhora Aubain a sua criada Félicité.

Por cem francos por ano, cozinhava e tratava da casa, cosia, lavava, passava a ferro, sabia pôr o freio a um cavalo, engordar a criação, bater a manteiga, e nunca deixou de ser fiel à patroa — embora esta não fosse uma pessoa agradável.

Casara com um belo rapaz sem fortuna, que morreu em princípios de 1809, deixando-lhe dois filhos muito pequenos mais uma quantidade de dívidas. Vendeu então os seus imóveis, menos a quinta de Toucques e a quinta de Geffosses, cujos rendimentos montavam, quando muito, a cinco mil francos, e deixou a sua casa de Saint-Melaine para ir viver noutra menos dispendiosa, que pertencera aos seus antepassados e ficava por trás do mercado.

Essa casa, revestida de chapas de ardósia, situava-se entre uma travessa coberta e uma ruela que ia dar ao rio. Tinha por dentro diferenças de nível que faziam as pessoas tropeçar. Um estreito vestíbulo separava a cozinha da sala, onde a senhora Aubain passava o dia inteiro, senta-

da perto da janela de sacada num cadeirão de palha. Encostadas ao lambril, pintado de branco, alinhavam-se oito cadeiras de mogno. Em cima de um velho piano, e por baixo de um barómetro, estava uma pirâmide de latas e de caixas de cartão. Duas poltronas forradas de tapeçaria la-deavam a lareira de mármore amarelo e estilo Luís XV. O relógio, ao meio, representava um templo de Vesta — e todo o apartamento cheirava um pouco a mofo, porque o tecto estava abaixo da horta.

No primeiro andar havia logo à entrada o quarto da «Senhora», muito grande, forrado de um papel de flores pálidas, e onde estava o retrato do «Senhor», todo aperaltado. Comunicava com um quarto mais pequeno, onde se viam duas caminhas de criança, sem colchões. Depois vinha o salão, sempre fechado e cheio de móveis cobertos por lençóis. Seguia-se um corredor que desembocava num escritório; livros e papeladas ornavam as prateleiras de uma estante que rodeava por três lados uma vasta secretária de madeira escura. Os dois corpos perpendiculares desapareciam sob desenhos à pena, paisagens a guache e gravuras de Audran, recordações de melhores tempos e de um luxo que se desvanecera. No segundo andar, o quarto de Félicité recebia a luz de uma lucarna com vista para o campo.

Levantava-se ao alvorecer, para não faltar à missa, e trabalhava até ao fim da tarde sem interrupção; depois, acabado o jantar, com a loiça em ordem e a porta bem fechada, enterrava a acha de lenha debaixo das cinzas e adormecia diante da lareira, de rosário na mão. Ninguém era mais obstinada a regatear preços. Quanto a asseio, o brilho das suas caçarolas fazia o desespero das outras criadas. Poupada que era, comia devagarinho e recolhia a dedo de cima da mesa as migalhas do seu pão — um pão de doze libras, cozido expressamente para ela, e que durava vinte dias.

Usava durante todo o ano um lenço de chita preso nas costas por um alfinete, uma touca que lhe tapava o cabelo, meias cinzentas, saia encarnada e, por cima da camisa larga, um avental de peitilho como as enfermeiras de hospital.

Tinha uma cara magra e voz aguda. Aos vinte e cinco anos davam-lhe quarenta. A partir dos cinquenta deixou de ter idade; e, sempre silenciosa, de figura inteiriça e gestos medidos, parecia feita de madeira, a funcionar automaticamente.

## II

Tivera, como qualquer outra, a sua história de amor. O pai, que era pedreiro, caíra de um andaime e morrera. Depois morreu a mãe, as irmãs dispersaram-se, e houve um rendeiro que a recolheu e que, muito pequena ainda, a pôs a guardar vacas no campo. Tiritava sob os andrajos, estendia-se ao comprido no chão para beber a água dos charcos, batiam-lhe por tudo e por nada, e acabou por ser expulsa por causa de um roubo de trinta soldos que não tinha cometido. Entrou ao serviço de outra quinta, onde ficou como moça do galinheiro, e, como os patrões gostavam dela, os colegas tinham-lhe inveja.

Numa noite do mês de Agosto (tinha então dezoito anos), levaram-na à festa de Colleville. Ficou logo estonteada, estupefacta com o barulho dos músicos ambulantes, com as luzes nas árvores, com as roupas de variadas cores, as rendas, as cruces de oiro, aquela gente toda a saltar ao mesmo tempo. Deixava-se estar de parte, discretamente, até que um rapaz aparentemente abastado, e que fumava o seu cachimbo com os dois cotovelos apoiados no timão de uma carroça, veio convidá-la para a dança.

Ofereceu-lhe sidra, café, um bolo, um lenço de seda, e, julgando que ela lhe adivinhava as intenções, propôs-se levá-la a casa. À beira de um campo de aveia atirou-a brutalmente ao chão. Ela teve medo e pôs-se a gritar. Ele foi-se embora.

Noutra noite, na estrada de Beaumont, pretendeu ultrapassar uma grande carroça de feno que avançava lentamente, e ao passar rente às rodas reconheceu Théodore.

Ele falou-lhe com um ar tranquilo, dizendo que era preciso perdoar tudo porque «a culpa era da bebida».

Ela não sabia que havia de responder, e apetecia-lhe fugir.

Ele começou logo a falar das colheitas e dos notáveis da comuna, porque o pai trocara Colleville pela quinta dos Écots, e portanto agora eram vizinhos. «Ah!», disse ela. Ele acrescentou que queria casá-lo. Mas não tinha pressa e estava à espera de uma mulher a seu gosto. Ela baixou a cabeça. Então ele perguntou-lhe se pensava em casar. Ela replicou, a sorrir, que não valia fazer troça. «Olhe que não, juro-lhe!» — e com o braço esquerdo rodeou-lhe a cintura; ela caminhava amparada por aquele amplexo; retardaram o passo. O vento era brando, as estrelas brilhavam, a enorme carrada de feno oscilava à sua frente; e os quatro cavalos, arrastando os passos, levantavam pó. Depois, sem ninguém lhes dizer nada, viraram à direita. Ele abraçou-a mais uma vez. Ela desapareceu na sombra.

Théodore, na semana seguinte, conseguiu que ela aceitasse vê-lo.

Encontravam-se ao fundo dos pátios, atrás de um muro, debaixo de uma árvore isolada. Ela não era inocente como uma donzela — fora ensinada pelos animais; mas a razão e o instinto da honra não a deixaram ceder. Esta resistência exasperou o amor de Théodore, e tanto que, para o sa-

tisfazer (ou talvez por ingenuidade), lhe propôs casamento. Ela hesitava em acreditar nele. E ele fez grandes juras.

Não tardou que ele confessasse uma coisa desagradável: os pais, no ano anterior, tinham-lhe comprado um homem para o substituir no serviço militar, mas de um dia para o outro podiam tornar a chamá-lo; a ideia da tropa assustava-o. Esta cobardia constituiu para Félicité uma prova de ternura; e a dela redobrou. Escapava-se de noite e, mal chegava ao encontro, Théodore começava a torturá-la com as suas preocupações e com as suas insistências.

Por fim, ele anunciou que iria pessoalmente à Prefeitura pedir informações e que as traria no domingo seguinte entre as onze e a meia-noite.

Chegada a hora, ela correu para o seu apaixonado.

Em vez dele, deparou com um dos seus amigos.

Informou-a de que não iria tornar a vê-lo. Para se livrar das sortes, Théodore casara com uma velha muito rica, a senhora Lehoussais, de Touques.

Foi um desgosto desmedido. Atirou-se para o chão aos gritos, clamou pelo Senhor, e ficou-se a gemer sozinha em pleno campo até ao nascer do Sol. Depois voltou para a quinta e declarou a sua intenção de se ir embora; passado um mês, feitas as contas, embrulhou toda a sua reduzida bagagem num lenço e pôs-se a caminho de Pont-l'Évêque.

Diante da estalagem informou-se junto de uma burguesa de capelina de viúva, e que estava precisamente à procura de uma cozinheira. A rapariga não sabia grande coisa, mas parecia ter tão boa vontade e tão poucas exigências que a senhora Aubain acabou por dizer:

«Está bem, fico consigo!»

Um quarto de hora mais tarde, Félicité estava instalada em casa dela.